A PSICOTERAPIA ORGANÍSMICA DE PETHÖ SÁNDOR[1] II

(Este texto compõe-se de extratos do questionário VELA de Sintomas de Labilidade Vegetativa, traduzido e ampliado pelo Dr. Pethö Sándor. Foram feitas pequenas adaptações de linguagem por Fernando Cortese)

A INDIVIDUAÇÃO

Os psico-somáticos propõem que o nosso corpo está circundado pela nossa realidade individual, que seria um invólucro firme, mas invisível para um observador. Sendo o corpo e a realidade individual como que dois compartimentos, por assim dizer, dois órgãos de um organismo maior, executando funções específicas um para o outro e para o sistema total, a constante desmontagem e re-montagem do "órgão" realidade individual poderia ser comparada ao metabolismo do "órgão" pele, cujas células são submetidas a uma renovação constante. Pele e realidade individual tem a função como que de uma membrana limitante, com as tarefas de seleção e comunicação no intercâmbio com o meio. As doenças da pele que obstaculizam a execução das tarefas de seleção e comunicação com o meio e suas efetividades recíprocas com as outras partes do organismo, estão sendo tratadas na dermatologia. As "doenças" da realidade individual - i.e., aquela "casca" invisível em que o indivíduo vivencia seu meio ao interpretar as programações da sua fantasia (o palco interno) e que, sempre e de novo, é desmontada e remontada em cada situação, e seus efeitos recíprocos em relação ao corpo - é o assunto da visão psico-somática. Nós talvez falaríamos da perda e reajuste dos pontos de apoio fisio-psíquicos.

Já que as alterações desse "órgão" não podem ser observadas de modo direto, é muito mais difícil entender e descrever seus processos, embora o indivíduo as vivencie de modo mais intenso do que os processos

na área cutânea. Já JUNG apontava que não devemos pressupor a nossa própria psicologia como existente nos outros. Mesmo assim, há na maioria das pessoas a convicção de que a realidade, como a experimentam, é a mesma para todos os outros indivíduos. A crença enraizada de que todos nós vivemos a mesma e una realidade nem permite emergir a idéia de que a realidade dos outros pode ser bem diferente da nossa e de que todos nós, dos mesmos fatos neutros construímos realidades com significados diferentes. Por isso são importantes as descrições de casos que mostram: como os pacientes experimentam a sua realidade. O conhecimento das realidades individuais de pessoas doentes, neuróticas, etc., é uma tarefa delicada porque já nas primeiras tentativas começam os modelos abstratos a serem imbuídos com dinamismo vivente. É importante que a estrutura espaço-temporal da realidade individual permaneça intacta. Mas ocorre com freqüência que ela "desmorona" quando a intensidade de uma situação se eleva além de uma medida suportável e nem o auto-domínio nem considerações sóbrias fornecem uma saída tolerável. Em termos biológicos tal regressão - porque se trata disto - para uma condição indiferenciada tem certo sentido porque pode mobilizar forças nunca imaginadas que ajudarão a resolver uma condição emperrada. A respeito disso são notáveis as explanações de JUNG (especialmente no início dos "Seminários das Visões") sobre os momentos em que a "função inferior" assume a orientação. Naturalmente, tal condição de supremo esforço ou de suprema apatia, durante muito tempo não é condizente com a vida; exemplos são as mortes repentinas em situações de extrema carga psíquica. Formas menos ameaçadoras de dissolução da realidade individual são o "reflexo de cadáver"(estudado e descrito especialmente por KRETZSCHMER) e a síncope.

Queixas de "peso" excessivo em relação a responsabilidades, compromissos, cargas (profissionais, familiares, existenciais) apontam nitidamente certas imposições e concomitantes alterações da realidade individual, levando, na maioria dos casos, a relações fisio-psíquicas ou psico-somáticas, dependendo da participação maior ou menor de um ou

de outro "lado". Em relação com isso lembremo-nos do desenho de FRANKL (ver figura1). Tal condição, em pessoas com síndromes funcionais e hipocondria é notável quanto a possibilidade de uma regressão e um possível reaviventamento de certas fases do passado. Há pessoas com sensibilidade vegetativa em que todo dinamismo se reduz, no fim, a resignação amargurada e desesperançosa, "não querem lutar", "perdem", "não agüentam mais", e com isso secam as fontes da atividade espontânea. É como se o corpo perdesse, com a desativação da realidade individual, uma importante função protetora, abrindo-se com uma entrega passiva e silenciosa a uma doença orgânica, em geral irreversível. Emergem, de vez em quando, sentimentos de culpa que muitas vezes são interpretados como agressões retiradas do meio e dirigidas contra si mesmos. Mas a questão é muito mais complexa porque - é possível observar - atuam também os dinamismos arquetípicos, programados mas não aproveitados, não assimilados, não postos na prática cotidiana e não transmitidos aos outros com abertura adequada.

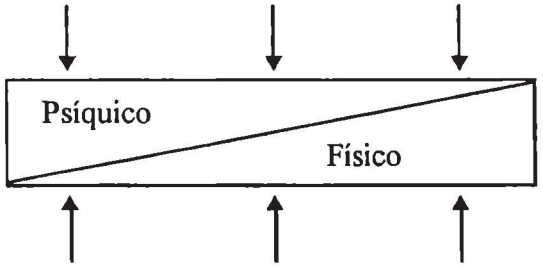

figura1. O desenho de FRANKL representando o organismo. As setas indicam a maior ou menor participação dos aspectos psíquicos e somáticos, dependendo da síndrome apresentada pelo indivíduo.

Em termos jungueanos pensemos também, neste contexto, nos inúmeros tropeços e tombos possíveis no trajeto da individuação que é, como processo, a realização empírica da totalidade psíquica, a conscientização da unidade estrutural do indivíduo (individualidade). Isto acarreta o enquadramento do Eu na totalidade das condições psíquicas, constelada sempre por cada atual momento psicológico. Assim, a meta da individualização é o desenvolvimento da personalidade individual em

termos de uma singularidade estrutural. Esta constitui, de um lado, uma condição apriorística e de outro, é uma disposição ou um especial estilo ou modos com que o indivíduo reage perante os componentes coletivo-psíquicos externos e internos (TONI WOLFF). Em cada faixa etária poder-se-ia falar de uma determinada individuação mas, como um fundamental processo psicológico, ocorre na segunda metade da vida. Assim, a individuação pode ser traduzida como vir-a-ser-Si-Mesmo. É natural que o Si Mesmo (Self) apresente, no entanto, de acordo com a idade e com a situação existencial , sempre outros aspectos a serem necessariamente realizados, já que a psicologia do indivíduo é diferente nas subsequentes faixas etárias. O cerne individual pode ser visível, entretanto, em todos. Naturalmente, cada faixa etária tem a sua determinada problemática, de modo que é sempre possível uma variação individual, mas não um desvio ou evitação arbitrários, sem decisivas perturbações, isto é, sem a desunião com as fundamentais leis psíquicas. O TODO-psíquico constelado mas deixado em estado inconsciente por inércia, desatenção ou temor, possui uma efetividade e intensidade energética e transfere-se, quando o sujeito se dissocia dele, para o meio e para aqueles objetos com os quais está mais fortemente coligado. Em conseqüência disso, também os outros serão afetados por ele, e em certas condições, obrigados a assumir a quota psíquica a eles delegada. Um outro sofre, então, os efeitos dos quais o indivíduo se esquiva. O processo de individuação não cria uma falta de relacionamento ou isolamento intocável, mas, ao contrário, é a base de uma conexão incondicional com a condição humana, uma participação mais consciente e mais vivenciada...

Mas na prática, tudo isso não ocorre sem obstáculos externos e internos, e nem precisa ser alguém "esquizofrênico" ou "esquizóide" para ver de modo estreito as atuações e pretensões dos outros e o significado do próprio Eu. JUNG aponta que o modo de ver normal, na medida em que é possível, consiste na premissa filosófica de uma "simpatia de todas as coisas" ou algo semelhante. (A "correspondência" ou "simpatia de todas as coisas" é uma antiga doutrina filosófica sobre o relacionamento e dependência empíricos dos conteúdos do cosmo. Baseia-se na crença

de que um princípio divino universal encontra-se também na parte mais minúscula, que por isso está em concordância - "simpatia", "correspondência"- com todas as outras partes e com o TODO. JUNG encarava tal idéia como precursora da noção de sincronicidade).E justamente essa "simpatia" cessa naqueles que não se empenhavam, no tempo adequado, em pagar seus "tributos" à Natureza ou não "sacrificavam" aquilo que teria sido necessário para sair de determinadas "amarras" e poder dar o passo seguinte no trajeto da individuação. Tais "amarras" sempre são indicadas pelos sonhos, e não são apresentadas - juntamente com a forma de solução - concretamente. Por isso temos que acertar o que propõe o inconsciente para ajustar a conduta de modo correspondente. Sincronicidades podem apontar situações arquetípicas e onde ocorre isto há sempre uma alusão à original unidade integrada, que até pode ser indicada por fenômenos somato-psíquicos condizentes. No nosso item em questão, a incapacidade de assumir responsabilidade, engajamentos, atender exigências, suportar fardos e encargos dos mais diversos tipos, está sempre em relação com a falta da "observância" necessária, i.e., a situação psíquica não foi compreendida e, por isso, chegou a ser reprimida. Então - como JUNG aponta - aquilo que deveria expressar-se como a "simpatia de todas as coisas" emergirá como uma tentativa pseudo-racionalista para explicar a falta da "simpatia", i.e., em vez do EROS inclusivo aparecerá seu oposto, o ódio ou angústia separatistas. A condição pode começar a se "patologizar" quando a participação mais abrangente original comuta-se em negações na base de argumentos intelectuais-plausíveis, que até podem convencer as mentes massificadas. Mas foi esquecido, reprimido e "desconversado" o significado interno da "simpatia", uma atitude "religiosa"(religio= observação atenta) que acerta os meios adequados e evita as soluções espúrias (Cartas lll, pp.148, ed.al.).JUNG salienta que tais assuntos nem podem ser explicados para pessoas de pouca inteligência, porque serão mal entendidos. Também não adianta tentar esclarecer o assunto para indivíduo de condição acadêmica mas com colocação "científica", já que formação científica nem sempre está paralelada com inteligência superior.

Em outro lugar (Cartas lll, pp.367-369) JUNG aponta que para a nossa consciência não é possível encontrar um contato com o Si-Mesmo natural (ANTHROPOS), porque isto significaria a ampliação da consciência do Eu no "transcendente", o que , por definição, ultrapassa a capacidade de conscientizar...já que se trata da totalidade da VIDA, que com os meios da nossa consciência não podemos apresentar. Necessitam-se não apenas as nossas possibilidades vivenciais e representativas, mas também uma participação vivente de um "*influxus divinus*" que se apodera do nosso inteiro existir e também não só as nossas assim chamadas forças espirituais, amarradas nas limitações do nosso intelecto, da nossa intuição e do nosso sentimento. Os alquimistas afirmavam com acerto: "*Ars requerit totum hominem*" (A arte requer o homem todo). A nossa consciência nunca é "toda". Só esse apoderar da consciência pelo influxo divino pode ser encarado como uma aproximação do TODO. O pensar abstrato não pode conduzir-nos mais adiante, a não ser até noções excogitadas, utilizadas sempre como escudo e vias de escape, possuindo por isso a característica de impedir a realização do TODO. E onde não podemos proceder ativamente, lá sofremos a atuação, e então não somos mais a mão que brande o malho ma sim o malho brandido ou qualquer ferramenta que não se dispôs de si mesma. Já que o ser humano tem a liberdade de escolher sua direção, está livre também para meter-se em meandros e, em vez de deparar com a realidade do seu inconsciente, matutar acerca deste e afastar-se da verdade da Natureza... A primeira metade da verdade jaz mesmo nas mãos do homem, mas a Segunda metade, nas mãos DAQUELE que é maior do que nós. No primeiro caso podemos ser ativos, mas no segundo somos inevitavelmente passivos, isto é, passamos por ela. E nisto, nenhuma filosofia saberá nos ajudar, mas poderá apenas enganar, e aquele lamentável vazio espiritual em que vivemos hoje em dia não pode ser preenchido com palavras, mas somente pela nossa participação total, quer dizer – mitologicamente falando – pelo nosso voluntário auto-sacrifício ou ao menos pela nossa prontidão para executá-lo. Mas nós nem estamos em condições de determinar por nós mesmos a

natureza deste auto-sacrifício. Tal condição depende do "outro lado". O processo de individuação, i.e., o vir-a-ser um TODO, abrange por definição, o todo do fenômeno humano e o todo do enigma da Natureza, cuja separação em aspectos físicos e espirituais representa apenas uma discriminação, servindo o conhecimento humano...

E nesses casos, valem alguma coisa as técnicas da psicoterapia organísmica? Muito mais do que se supõe. As frustrações, as paradas, as desesperanças, as desativações, indicam, independentemente do – necessário – rotulamento sócio-psicológico profissional, e inadequado encaminhamento da energia psíquica (libido), i.e., a falta de um condizente relacionamento dinâmico entre os conteúdos conscientes e inconscientes dentro das variações individuais. Aqui não devemos cogitar, antecipadamente, sobre as possibilidades ou probabilidades de uma eventual atuação. Mesmo em casos de enfermidade patente, se o paciente solicitar, temos que fornecer aqueles estímulos, executar aquelas seqüências que aparecem mais condizentes com a situação atual da pessoa. O planejamento deve ser elástico, propondo sempre aquelas modalidades de intervenção que correspondem mais à necessidade do momento. Sabendo que se trata de uma pessoa em certo grau psíquica e fisicamente desativada ou desvitalizada, o início da atividade profissional deve ser suave e prudente, sem prometer nada e sem salientar os achados nem pronunciar juízos prognósticos, criando expectativas e esperanças prematuras. E se o terapeuta está prestes a ficar confuso perante as mais variadas queixas, resistências, anelos e desânimos, tudo isso despejado sobre ele, sempre pode, por um momento, olhar para dentro de si mesmo e dizer: "Essa pessoa perdeu seus pontos de apoio. Tentemos reconduzi-la para eles e reajustá-la." Nessa formulação concisa reside a diagnose do quadro apresentado e o trajeto da terapia.

NOTAS:

[1]Dr. Pethö Sándor, médico e psicólogo, foi o criador do método de trabalho corporal denominado Calatonia e da abordagem chamada Psicoterapia Organísmica ou Integração Fisiopsíquica.